

Mestiçagem cultural e sincretismo metodológico na pesquisa em comunicação: notas sobre a identidade da escola latino-americana*

José Marques de Melo

Universidade de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo

Desde o fim do século passado há evidências de estudos sobre os fenômenos da comunicação nos países latino-americanos. Naturalmente são produções intelectuais configuradas segundo os modelos vigentes na sua época. Algumas delas antecipam padrões de excelência que só seriam alcançados em anos recentes.

Mas é sem dúvida na década de 40 que aparecem as primeiras pesquisas acadêmicas sobre os processos comunicacionais inerentes à realidade da América Latina. São estudos sobre o jornalismo e a propaganda, categorias hegemônicas no desenvolvimento da nossa emergente indústria cultural. Tais obras correspondem às demandas das novas gerações que atuam nos meios massivos, suscitando conhecimentos sistemáticos sobre as suas atividades ocupacionais. Trata-se de estudos feitos segundo os paradigmas europeus da história e do direito, mas também influenciados pelos novos modelos das ciências do comportamento.

A década seguinte revelaria maior diversidade temática, abrangendo outras dimensões da comunicação massiva que ganhavam intensidade no continente. Alguns desses trabalhos são produzidos no exterior, ou ali publicados em primeira mão, o que prenuncia a legitimidade internacional depois conquistada por essa área do conhecimento latino-americano.

* Anotações que serviram de base para os colóquios de que participei em 1993 na Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha (III Encontro Ibero-Americano de Investigadores de la Comunicación) e na Universidade de Victoria, Melbourne (Australian Communication Association's National Conference). As idéias aqui expostas foram também incluídas no paper destinado ao Congresso Anual da ICA - International Communication Association (Washington, USA).

A fundação do CIESPAL — Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina — em 1959, no Equador, sob o patrocínio da UNESCO, confere à pesquisa em comunicação uma nova fisionomia. Este é um momento caracterizado pela assimilação de conceitos e metodologias oriundos da “mass communication research” (Escola de Chicago) e das “sciences de l’information” (Escola de Paris). Eles são reproduzidos pelos “becarios” dos cursos internacionais de aperfeiçoamento em ciências da informação coletiva, sediados em Quito.

Até o final da década de 60, frutificavam pesquisas realizadas de acordo com modelos forâneos, predominando os estudos de morfologia e conteúdo de imprensa, as análises de audiência ou dos efeitos sociais da mídia, assim também os diagnósticos sociográficos ou deontológicos. Concomitante a essa corrente funcionalista, disseminam-se outras tendências epistemológicas: a teoria crítica frankfurtiana, o estruturalismo francês, a semiótica peirceana, as doutrinas marxistas e a teologia da libertação.

Prontamente, porém, alguns cientistas perceberam a insuficiência de tais axiomas para aplicação à realidade latino-americana, justamente pela sua imbricação com os sistemas sociais em que foram gerados. Alguns reformulam os postulados funcionalistas, introduzindo variáveis contextuais, seja para permitir a correção de desvios nas estruturas informativas, seja para explicar os processos de dominação cultural. Outros desradicalizam as metodologias dialéticas e superam o denunciismo estéril, apontando macro-alternativas para engendrar novos sistemas comunicacionais nos marcos da sociedade existente.

Emerge assim a consciência da inadequação dos modelos teóricos e metodológicos importados, por serem incapazes de abranger as situações da vida latino-americana. Os pesquisadores ensaiam, pouco a pouco, caminhos alternativos para superar a dependência a que se achavam submetidos. Imersos numa cultura marcada pela *mestiçagem*, não hesitam em praticar o *sincretismo* metodológico, combinando procedimentos herdados das Escolas de Chicago, Paris, Moscou, Roma ou Frankfurt.

Ao mesmo tempo, traumatizados pela escassez de recursos econômicos e pela instabilidade política, procuram criar mecanismos de auto-sustentação e de retro-alimentação, forjando uma comunidade acadêmica que ultrapassa as fronteiras nacionais e os particularismos regionais, assumindo uma identidade cultural peculiar. Sua postura efetivamente *latino-americana* e seu compromisso com a sedimentação de um campo científico a serviço do *interesse público* tem sido sua marca registrada.

A criação da ALAIC, em 1978, representa um passo adiante da consolidação da Escola Latino-Americana de Comunicação. Não obstante surgisse num momento crítico, quando se aguçavam as contradições históricas antecipadoras do cenário da chamada “década perdida”, a *Asociación Latino-americana de Investigadores de la Comunicación* conseguiu realizar um trabalho produtivo, participando dos foruns internacionais que sustentaram o movimento de apoio às políticas democráticas de comunicação. Ao mesmo tempo, preocupou-se com o resgate da memória do conhecimento comunicacional já estacado, promovendo a criação de bases documentais na Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, México, Panamá e Peru. Além disso, estimulou a

difusão do pensamento latino-americano sobre comunicação nas nossas universidades, principalmente nos programas de pós-graduação, neutralizando a tendência vigente de difusão exclusiva das correntes ambientadas nos países europeus e latino-americanos. Essa iniciativa contaria depois com o reforço da Federação Latino-Americana de Associações de Faculdades de Comunicação Social — FELAFACS — fundada em Bogotá, em outubro de 1981.

A ALAIC tem procurado funcionar como entidade catalizadora de uma comunidade científica que foi precocemente reconhecida como singular por renomados pesquisadores de vários países do Primeiro Mundo. No entanto, as dificuldades próprias da região, tremendamente agravadas pela recessão econômica, atuaram como barreiras para travar o desenvolvimento orgânica da nossa corporação acadêmica. Tanto assim que as associações nacionais criadas na década de 70 passaram por crises de subsistência, quase acarretando o esvaziamento da organização continental. As exceções localizaram-se no Brasil e no México, onde a criação de programas avançados de ensino e pesquisa da comunicação, no âmbito das universidades, respaldou a persistência das entidades gremiais, reforçando os seus laços internacionais de cooperação. Nos demais países, registraram-se atividades isoladas de pessoas ou instituições que, apesar dos obstáculos, mantiveram a busca de novos conhecimentos sobre os fenômenos comunicacionais. Isso garantiu a produção regular de estudos e análises que abasteceram as publicações periódicas aglutinadas pela *Red Iberoamericana de Revistas de Comunicación y Cultura*.

Aliás, a criação da mencionada rede, em 1986, na cidade de São Paulo, coincide com o início do diálogo entre os pesquisadores ibéricos da América e da Europa. As experiências até então existentes eram esporádicas, dependendo de personalidades que visitavam cada um dos continentes.

Por isso, tomamos a iniciativa de propor à INTERCOM a realização do I Encontro Ibero-Americano de Pesquisadores da Comunicação, durante a celebração do vigésimo aniversário da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Foi durante o IX Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação que os cientistas das duas regiões geoculturais se reuniram no campus da USP para ensejar processos de intercâmbio acadêmico.

Esse evento estimulou muitos pesquisadores latino-americanos a participar, em 1988, em Barcelona, da XVI Conferência da Associação Internacional para a Pesquisa da Comunicação de Massa — IAMCR/AIERI, ocasião em que se decidiu reativar a própria ALAIC, então vivendo dificuldades institucionais. Convencionou-se a retomada da interação inter-continental, promovendo o II Encontro Ibero-Americano de Pesquisadores da Comunicação, no ano seguinte, em Florianópolis, Brasil, quando se convocaria uma assembléia para a reconstrução da Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação.

O principal desafio da ALAIC, depois da assembléia da reconstituição, em 1989, foi sem dúvida alguma motivar essa comunidade dispersa para o resgate do trabalho cooperativo, que constitui uma das nossas melhores tradições e que tem sido responsável pelos avanços teóricos conseguidos em tão pouco tempo. Assim sendo, projetou-se a realização do *I Congresso Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação* para o ano de 1992, não apenas

como acontecimento evocativo dos 500 anos da chegada de Colombo à América, mas como evento balizador das nossas metas para o início do próximo milênio.

A promoção desse colóquio serviu de pretexto para retomar o diálogo com os membros da nossa comunidade internacional. Filiados à Associação Internacional para a Pesquisa em Comunicação de Massa — IAMCR/AIEIRI — os cientistas da área já haviam se reunido duas vezes na América Latina: em Buenos Aires (1972) e Caracas (1980). O convite foi feito pela associação brasileira de pesquisadores da comunicação — INTERCOM.

Assim sendo, organizou-se a XVIII conferência científica da IAMCR/AIEIRI imediatamente depois do I Congresso da ALAIC, de modo a permitir que as duas comunidades pudessem interagir organicamente. No período de 14 a 16 de agosto de 1992, os pesquisadores latino-americanos encontraram-se na cidade de Embu-Guaçu (São Paulo, Brasil), contando com a presença de vários "latin americanists" dos USA, Europa e Austrália.

O total de participantes foi da ordem de 128, sendo que as maiores delegações provieram do Brasil (40), México (15), Uruguai (13) Peru (10), Argentina (9), Chile (5) e Equador (4). Fizeram-se representar também os pesquisadores da Venezuela, Colômbia, Porto Rico, Bolívia, Costa Rica, Cuba, Panamá e República Dominicana. Por sua vez, os cientistas internacionais encontraram-se na cidade de Guarujá (São Paulo, Brasil), uma semana depois — 16 a 21 de agosto —, atingindo a cifra de 507 participantes, oriundos de 50 países.

Do ponto de vista intelectual, apenas dois países latino-americanos tiveram presença quantitativamente destacada: o Brasil e o México, responsáveis pela inscrição de 42 e de 8 *papers*. A contribuição brasileira, país anfitrião, foi depois resgatada, através da publicação de um livro, sob a nossa coordenação com o título *Communication for a new world* (São Paulo, ECA-USP, 1993). Por sua vez, a participação mexicana foi descrita por Enrique Sanchez Ruiz em artigo divulgado na *Revista Mexicana de Comunicación* (México, DF, novembro de 1992). De qualquer maneira, pelo menos 120 pesquisadores do continente compareceram aos debates das seções permanentes e dos grupos de trabalho. E a América Latina foi objeto de análise privilegiada em vários painéis e mesas-redondas daquela conferência.

No que se refere particularmente às reflexões do congresso latino-americano, 4 temas mobilizaram o interesse dos participantes: livre comércio, década perdida, metas futuras, cooperação internacional. Os trabalhos mais importantes foram reunidos no livro *Comunicación Latino-americana: desafíos de la investigación para el siglo XXI* (São Paulo, ALAIC, 1992), constituindo um retrato dinâmico do mosaico latino-americano das ciências da comunicação. Trata-se de um conjunto heterogêneo, que abriga reflexões subordinadas a diferentes correntes de idéias, dentro da perspectiva pluralista que tem sido a maior força da ALAIC. Os textos apontam em direção aos novos cenários da América Latina neste fim de século; alguns otimistas, outros menos esperançosos; mas sem dúvida contaminados pela expectativa de ultrapassar as adversidades.

Evidentemente, nem todos os cientistas latino-americanos fizeram revisões das suas posturas teóricas e metodológicas. Alguns se mantiveram

imobilizados diante dos paradigmas vigentes no início das respectivas carreiras. São pessoas ortodoxamente vinculadas ao positivismo-comtiano, ao funcionalismo norte-americano, ao marxismo-leninismo, aos estruturalismos, aos behaviorismo-skinneriano, à teoria crítica de Frankfurt etc.

Constata-se porém a emergência de um contingente expressivo que logrou assimilar princípios de várias correntes de idéias. São pesquisadores que, preservando a utopia e assumindo o pragmatismo, articularam uma conduta investigativa referenciada pelo contexto histórico e pelas demandas sociais. Trata-se de uma "latino-americanização" da pesquisa, que, sem perder o rigor científico, mantém o compromisso ético de transformar a sociedade para atender o interesse público. Isso tem evitado a paralisia teórica e o engessamento metodológico, a que se condicionaram segmentos da comunidade científica de países avançados, numa atitude cômoda, mas seguramente auto-destrutiva.

Sem dúvida alguma, as teses defendidas pelos participantes do I Congresso da ALAIC estavam fadadas a germinar durante o triênio 1993-1995. Elas foram intensamente retomadas por ocasião do III Encontro Ibero-Americano de Pesquisadores da Comunicação, realizado no campus da Universidade Autônoma de Barcelona, em julho de 1993, do mesmo modo que no encontro centro-americano sobre as exigências profissionais da comunicação num mundo de profundas transformações, realizado em San José, por ocasião das bodas de prata da Escola de Ciências da Comunicação Coletiva da Universidade da Costa Rica, em outubro do mesmo ano.

E certamente mobilizarão pessoas, veículos e instituições para os debates a serem travados, em 1994, quando se espera reunir novamente os cientistas de todo continente, na cidade de Guadalajara, México, por ocasião do II Congresso Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação. E também em 1995, quando está prevista nova rodada de diálogo entre os pesquisadores latino-americanos e os colegas euro-latinos da Península Ibérica, na cidade do Porto, Portugal.

As tendências esboçadas confirmam claramente que as ciências da comunicação na América Latina, sob o signo da mestiçagem e do sincretismo, preservam a sua atitude crítica na formulação de hipóteses teóricas e na delimitação dos pressupostos analíticos, intensificando porém o uso de processos empíricos, quantitativos e qualitativos, para descrever e diagnosticar as situações em movimento. Isso significa a transição da pesquisa-denúncia para a pesquisa-constitutiva, efetivamente sintonizada com a compreensão e a solução possível de problemas concretos que afligem vastos contingentes das nossas sociedades, sobretudo a ignorância e a desinformação.

"Essa postura traduz um sentimento consensual de que a pesquisa científica continua a ser um instrumento vital para a construção de sociedades democráticas, prósperas e pluralistas. Representa indiscutivelmente a utopia que mobilizará os cientistas latino-americanos da comunicação no limiar do século XXI." (MARQUES DE MELO, José — Communication Research: New Challenges of the Latin American School. THE JOURNAL OF COMMUNICATION 43(4):182-190, New York, 1993).